

Pastoral Universitária - a presença da juventude cristã, católica, no campus universitário¹

Ana Karina de Castro BRITTO²

Camila Beltrão MEDINA³

Roberta Baldo BACELAR⁴

RESUMO

Fé e razão. É possível que haja a coexistência em um único ambiente, entre estas duas formas de interpretar o mundo? O presente trabalho tem por objetivo buscar compreender o que é a Pastoral Universitária, promovida pela Igreja Católica Apostólica Romana, que se faz presente em um Campus Universitário da cidade de São José dos Campos, há mais de seis anos. Por meio da base teórica que norteia os estudos sobre Cultura, Comportamento Humano e Antropologia Religiosa, foi realizado um estudo de caso junto aos integrantes da Pastoral Universitária desta instituição. Foram entrevistados organizadores e participantes dos encontros promovidos semanalmente pela Pastoral. Eles foram questionados a respeito da dinâmica de funcionamento, novos integrantes, temas abordados e, acima de tudo, da percepção que tem a respeito do papel que a Pastoral Universitária para a vida no campus. Ao final, foi passível de observação que há uma grande identificação dos jovens católicos com o grupo, entretanto, não há a adesão de outras pessoas ao grupo, como - principalmente - os professores.

PALAVRAS-CHAVE: pastoral universitária; campus; cultura; abordagem.

Introdução

O homem é um ser holístico e não há como abranger uma vertente e isolar as demais conotações de sua condição plena. A base de sua ação no mundo e a inserção social faz com que as nuances interajam constantemente. Um dos eixos que sustentam o homem e o coloca numa margem de ação e compreensão do mundo é a sua interface religiosa.

1. Trabalho apresentado na XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada São Paulo, SP, 18/8/2016

2. Psicóloga, Mestre em Desenvolvimento Regional e Planejamento Urbano, coordenadora e docente da Faculdade Anhanguera de São José dos Campos - ana.britto@anhanguera.com

3. Pedagoga, Doutora em Educação e coordenadora acadêmica da Faculdade Anhanguera de São José dos Campos - camila.medina@anhanguera.com

4. Jornalista, Doutora em Comunicação e docente da Faculdade Anhanguera de São José dos Campos - roberta.baldo@gmail.com

A reflexão antropológica traz o indivíduo como um ser que busca explicações, complementações e a percepção empírica acaba por fomentar tabus, movimentos e incorporação religiosa. A fé ocupa espaço e território na atual sociedade, seja como meio mercadológico, modelo de vida e, enfim, como um grupo social que experiencia uma ideologia própria.

A manutenção social fica à mercê de conteúdos latentes e manifestos da interação homem-mundo. O componente espiritual traz à sociedade a vinculação entre o real e o ideal, a ação e a motivação, a vida e a morte. O inexplicado se torna representado por movimentos, toma corpo em metodologias intuitivas como a igreja católica.

A vida no campus universitário é rica em significados e diversidade. Públicos com interesses distintos, origem, área de atuação e formação básica que nunca se esbarraram antes, encontram-se neste ambiente. Além disso, crenças, valores e religiões se unem em salas de aula, cercada do cientificismo acadêmico. O espaço físico se torna um único ambiente no viés científico e empírico.

Por este motivo, a presença e o papel da Pastoral Universitária (PU) promovendo ações e encontros da juventude cristã católica no ambiente escolar é um desafio constante.

Neste artigo abordaremos, através de dados coletados em entrevistas com alunos - organizadores e participantes da PU em uma instituição privada de São José dos Campos -, como funciona esta iniciativa, quais seus objetivos, dinâmica de funcionamento, captação de novos membros etc.

Para tanto, faz-se necessário, primeiramente, estabelecer e definir em que consiste uma pastoral. Esta definição, juntamente com o arcabouço teórico apresentado neste artigo, está construído a partir de uma pesquisa bibliográfica estruturada a partir de referenciais teóricos nas áreas de psicologia, antropologia, cultura, educação e comunicação.

Segundo o documento intitulado Constituição Apostólica EX CORDE ECCLESIAE, publicada pelo Papa João Paulo II em agosto de 1990, Pastoral é uma palavra que vem originalmente de Pastor. Ao se falar em Pastor, remete-se à questão do

rebanho, do trabalho no campo, dos cuidados necessários com a realidade. Portanto, para a Igreja Católica Apostólica Romana, foco deste artigo, pastoral representa e tem por objetivo estabelecer:

um olhar especial da nossa Igreja em relação às respostas que o mundo está precisando, segundo os princípios do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Pastoral é um termo que está muito presente na linguagem da Igreja, por isso mesmo não ouvimos falar tanto em outras áreas da nossa vida.

Este mesmo documento, de João Paulo II, descreve o papel da Pastoral na Igreja Católica como de:

uma ação transformadora voltada para o trabalho da Igreja missionária, atividades comunitárias e sociais, ensinando e aprendendo os valores cristãos.

Ainda segundo a Constituição Apostólica EX CORDE ECCLESIAE, é importante destacar que Pastoral é:

uma ação evangelizadora que se realiza na comunidade a partir de mútua cooperação entre fiéis e pastores. Neste sentido, aqui não existe a questão de quem é o mais importante. Todos têm uma função, um carisma, um jeito de viver, porém, todos somos importantes para que o Reino de Deus aconteça. Com as nossas virtudes e defeitos. Todos nós estamos a caminho, na estrada, procurando a nossa conversão no Cristo ressuscitado. Todos nós somos importantes.

A organização das pastorais dentro de uma comunidade atende diversos segmentos do "serviço às pessoas". Existem grupos que têm por objetivo atender famílias, doentes, crianças, juventude, vocacionados, adictos (sob a nomenclatura de "Pastoral da Sobriedade"), encarcerados; além de atividades direcionadas como comunicação, liturgia, catequese, entre outras. Além dos citados acima, entre os públicos atendidos pelas pastorais, estão os universitários. Conhecida como Pastoral Universitária, trata-se de uma atividade da instituição de ensino, que oferece aqueles que frequentam a unidade, a possibilidade de conciliar os estudos universitários e as atividades para-acadêmicas, isto é, trabalhar princípios religiosos e morais, promovendo a integração da vida cotidiana com a fé.

Quando a universidade tem em sua política a proposta de promover o aspecto católico na formação de seu alunado, há a necessidade da consciência da dimensão pastoral e a sensibilidade aos modos com os quais se pode influenciar suas atividades como um todo.

Fides et Ratio - Fé e Razão

As crenças sempre nortearam a conduta humana. O credo trouxe ao homem um perfil comportamental pautado numa busca de referências e autoconhecimento. O cristianismo marcou o mundo ocidental em antes de depois de Cristo, assim, a vida passa a ter um caráter de construção sobre a díade: homem e cristianismo. O homem traz consigo a constante ganância na busca de conceitos e explicações sobre os acontecimentos ao seu redor. Dominar os pensamentos e as ações sempre foi um desejo de líderes sociais em mais diversos contextos. O fenômeno religioso e suas nuances traz ao coletivo um formato de conduta entre normas e regras fundindo o místico, o explícito e o incerto.

Segundo Piéron comportamento designa as maneiras de ser e agir dos animais e seres humanos, as manifestações objetivas de sua atividade global (1996). Assim o comportamento é considerado algo expressivo, mensurável e tangível. O homem torna-se como se demonstra, ou melhor, como se comporta.

O processo de humanização é constante, é fusão entre o sentir e o realizar, pensar e proceder. Davidoff (1983) ressalta que o homem se torna contextualizado quando sua essência humana passa a ser desenvolvida num formato social. O indivíduo, embora seja contemplado em sua unicidade, também é inserido no parâmetro social. Não se dita o homem no processo de isolamento.

É impossível pensar na figura humana sem o contextualizar em tempo, espaço, grupo, vestimenta e ações. Os homens são seres sociais e não criaturas isoladas, essa convivência acaba por estreitar relações, formar grupos e dispor a sociedade num elenco pré-estabelecido de comportamentos distribuídos como rituais. Para Chinoy, a sociedade se empenha, habitualmente, em padrões reconhecíveis (1993).

No enfoque sobre a vida em comunidade, Chinoy ressalta que a representação humana sempre foi em grupo:

Adam Ferguson, filósofo moral escocês do século XVIII, observou, certa vez, em termos ainda propositados: Tanto os primeiros quanto os últimos relatos coligidos de todos os quadrantes da Terra, representam o gênero humano reunido em tropas e companhias; ... (fato que) precisa ser admitido como fundamento de todo o nosso raciocínio relativo ao homem. Há registros de seres humanos que, de um modo ou outro, conseguem sobreviver com pouco trato ou sem a associação normal com outros humanos, [...]. (CHINOY, 1993, p.52)

O comportamento humano está formado na disposição de constante relacionamento com o outro. A base de vivência é grupal. O indivíduo se constrói na díade entre ele e o mundo se referenciando entre os comparativos

O homem é cercado por uma comunidade, ou várias, e nela edifica sua estrutura funcional. Sawaia (1996) aponta comunidade como interação coletiva, esse produto de “interação” mantém os membros unidos com certa identidade e, além de tudo, produtor de uma forma própria de organização.

Chinoy aponta a cultura em sua amplitude social e no formato de aprendizagem na troca de conhecimentos:

Toda sociedade possui um modo de vida ou, de acordo com a nossa terminologia, uma cultura, que define modos apropriados ou necessários de pensar, agir e sentir. [...] Na fala convencional, refere-se às coisas mais elevadas da vida – a Pintura, a Música, a Escultura, a Filosofia; o adjetivo culto convizinha de educado ou requintado. Em Sociologia a cultura se refere á totalidade do que aprendem os indivíduos como membros da sociedade. A velha (1871) mas ainda citadíssima definição de Tylor indica-lhe a amplitude: a cultura é todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer aptidões adquiridas pelo homem como membro da sociedade (CHINOY, 1993, p.56).

A crença e o modo de se relacionar com o mundo e ser o mundo define a cultura temporária local. O homem é a cultura e a cultura é o homem. Nessa díade se encontra a crença e o modo de lidar com o desconhecido. As explicações da origem do mundo e da morte, dos heróis místicos e tabus são os compostos de uma crença, ou seja, os rituais e credos pertencem a uma cultura vigente.

Souza (2012) ressalta que as *“cerimônias e os rituais públicos sempre tiveram uma função catalisadora de etos comunitários, funcionando igualmente como eficiente mecanismo de controle social e manutenção da rígida hierarquia da igreja militante”* (SOUZA, 2012, p.159). A religião e sua expressão tomam um corpo capaz de impactar toda uma sociedade, assim a religião é considerada uma ferramenta da manutenção cultural.

Para Burke cultura é uma palavra imprecisa, com muitas definições concorrentes, sendo usada pelo autor a significância de atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados. *“A cultura nessa acepção faz parte de todo um modo de vida, mas não é idêntica a ele.”* (BURKE, 2010, p.11).

Burke (2010) traz a concepção que cultura é temporal e fruto das ações cotidianas, assim como referenciado abaixo:

Na era da chamada “descoberta” do povo, o termo “cultura” tendia a referir-se a arte, literatura e música, e não seria incorreto descrever os folcloristas do século XIX como buscando equivalentes populares da música clássica, da arte acadêmica e assim por diante. Hoje, contudo, seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo “cultura” muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser aprendido em uma dada sociedade – como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante. Em outras palavras, a história da cultura inclui agora a história das ações e noções subjacentes à vida cotidiana. O que se costumava considerar garantido, óbvio, normal ou “senso comum” agora é visto como algo que varia de sociedade a sociedade e muda de um século a outro, que é “construído” socialmente e portanto requer explicação e interpretação social e histórica (BURKE, 2010, p.22-23).

Assim, pode-se afirmar que a construção cultural é pautada no cotidiano e realidade vigente. A cultura é particular, única e arquitetada dia após dia. A cultura é instalada dentro de uma sociedade e, contudo, respeitando os muros da hierarquia, realidade e construção histórica.

Thompson (2011) defende a ideia que a consciência e os usos costumeiros eram particularmente fortes no século XVIII, que tais costumes traziam consigo algumas reivindicações de “novos direitos”. Pode-se também notar que os séculos XVI e XVII

são caracterizados pelo declínio de alguns costumes, como as feitiçarias, magias e superstições. Contudo, é passível de observação que há a transição entre explícito e implícito:

O povo estava sujeito a pressões para “reformatar” sua cultura segundo normas vindas de cima, a alfabetização suplantava a transmissão oral, e o esclarecimento escorria dos estratos superiores aos inferiores – pelo menos era o que supunha (THOMPSON, 2011, p.13).

Assim, cultura é toda e qualquer manifestação de uma sociedade. A maneira como as pessoas se expressam, se organizam e se mantem é moldado de acordo com sua cultura, que de uma forma ou outra é enraizada e “autorizada” pela hierarquia vigente.

A aprendizagem da cultura é informal e variada de grupos a grupos, formando assim, “subculturas” e todo comportamento reverso é chamado de “contra-cultura”. (SANTOS, 1994) Assim, o emaranhado figurativo é submisso ao tempo, local e sociedade.

Toda cultura é aliada de forma singular a identidade social de uma comunidade, grupo ou aldeias culturais cercado de princípios simbólicos e figurativos. “*Cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos*” (SANTOS, 2004, p.8).

Thompson (2011) ainda reforça o pensamento que uma cultura conservadora, que recorre a costumes tradicionais, precisa de constante reforço em sua manutenção. Tal fato pode ser notado no conservadorismo comportamental da Igreja Católica. “A religião cristã é a religião judaica libertada do egoísmo nacional” (KAUTSKY, 2010). A Igreja Católica é a primeira Igreja de cunho internacional, o judaísmo é ligado à uma nação, não é expansionista, o mesmo não ocorre na Igreja Católica.

A religião acaba por nortear condutas manipuladoras de pensamentos e comportamentos. Enraigar o homem na crença acaba por proporcionar uma homogeneidade funcional da conduta, o modelo sugestivo comportamental é o autorizado e fornecido pelo modelo cristão.

No período de 1.500 à 1.808 o Brasil foi fechado aos “acatólicos” e a Igreja Católica “desceu” no Brasil juntamente com os portugueses e enraizou suas premissas

na sociedade (CARDOSO, 2009). O cristianismo atua no movimento de propagar suas condutas, cercar os fiéis e formar um só conceito de atuação.

O catolicismo foi decisivo na conquista de novos povos. A atividade eclesiástica fez com que a repercussão da submissão de novas aldeias fosse tomada não somente na conotação de ampliar territórios, mas com que a salvação fosse anunciada de forma catequizadora e, assim, os índios foram moldados no engajamento social e “domesticados” a nova cultura que determinava o comportamento.

Os interesses entre Igreja e Portugal era definido e delineados na conquista, manutenção e adequação das aldeias. “Os soldados de Cristo, aptos por terem enfrentado os mouros em terras ibéricas, com a conquista da América estendiam seus objetivos de conversão aos ameríndios, tornando-os seus novos alvos” (MARTINS, 2009, p.138).

“Em todo caso, havia quem exercesse um tipo de função eclesiástica nas várias vilas e fazendas, tanto do litoral como do interior” (MARTINS, 2009, p.138). A coroa portuguesa escolheu jesuítas como desbravadores espirituais na América por alguns fatores que tornavam essa companhia mais adequada que as outras ordens.

A reforma cultural foi marcada pela inserção dos costumes católicos e comportamentos europeus concomitantemente. A colonização portuguesa marcada pelo controle, exploração e dominação faz com que a centralização de poder se concentre no domínio português advindo das crenças católicas.

Para Burke (2010) cultura é uma palavra aberta, capaz de somar muitos significados, sendo usada pelo autor a conotação de condutas e valores partilhados em suas formas de ação e expressão. “A cultura nessa acepção faz parte de todo um modo de vida, mas não é idêntica a ele”. (BURKE, 2010, p.11)

A crença passa a ser determinante nas relações. A cultura vigente é entrelaçada com ao conduto religioso. Participar de um grupo oferta uma identidade ao usuário e fortalece o pensamento vigente. A Igreja sempre trabalhou o processo de missão, onde enfoca que os fiéis carregam em si a obrigação de propagar os ideais ofertados pelo catolicismo.

Burke (2010) foca a cultura como função presente e ausente, demonstra a cultura como uma crença binária entre sim e não, ter ou não ter, fazer ou não fazer. Esse movimento refaz laços temporais e locais.

Quando o catolicismo representa esse movimento de manter sua cultura como a atuação primária junto aos colonizadores há o movimento de salvaguarda. O ato de manter e repetir uma cultura, retoma ao início da prática e parece ter a capacidade de estruturar sua simbologia de forma intocável.

A ação de repetir traz à memória a sensação de estar no momento primário, de voltar ao tempo e as mesmas sensações, parece que tem a capacidade de proteção contra o tempo e espaço que acaba por alterar e adaptar toda e qualquer cultura, inclusive as crenças religiosas.

Thompson (2011) defende a ideia que a consciência e os usos costumeiros eram particularmente fortes no século XVIII, que tais costumes traziam consigo algumas reivindicações de “novos direitos”. Pode-se também notar que os séculos XVI e XVII são caracterizados pelo declínio de alguns costumes, como as feitiçarias, magias e superstições:

O povo estava sujeito a pressões para “reformatar” sua cultura segundo normas vindas de cima, a alfabetização suplantava a transmissão oral, e o esclarecimento escorria dos estratos superiores aos inferiores – pelo menos era o que supunha. (THOMPSON, 2011, p.13)

Chinoy (1993) aponta a cultura como a herança social e, conseqüentemente, os padrões sociais são pré-determinados pelos antepassados, assim, a liberdade do homem já nasce pré-determinada. As mudanças ocorrem dentro de uma fronteira, o emaranhado figurativo é submisso ao tempo, local e sociedade.

A aprendizagem da cultura é informal e variada de grupos a grupos, formando assim, “subculturas” e todo comportamento reverso é chamado de “contra-cultura” (SANTOS,1994). A contracultura é o movimento implícito ou explícito de contestação da realidade ou ideias, é a busca de transformação social.

O catolicismo atua nesse formato de propagar suas crenças e ações. Segundo Campos (1996) todo homem pertence a um grupo e, nesta conjuntura, há o processo de

identificação que atuará na sua identidade. A maleabilidade humana fornece condições para adaptações, modificações e identificações latentes. A conduta é educada no condizente a sua cultura.

Chamon (2003) foca que a identidade tem o caráter da unicidade do homem, é o que o salienta como diferenciado diante os demais:

A noção de identidade está associada tanto na similitude, concordância, uniformidade quanto a singularidade do indivíduo. O campo semântico do termo já reflete a complexidade do conceito, apresentando significações praticamente opostas. Trata-se de um lado do caráter daquilo que é idêntico, isto é, de seres ou objetos perfeitamente semelhantes ainda que distintos e, nesse caso, a identidade é o fato de ser semelhante a outros. Por outro lado, ela é característica do que é único e assim se distingue e diferencia totalmente dos outros. A identidade se apresenta, desse modo, em sua própria definição como sendo ao mesmo tempo aquilo que se distingue e diferencia totalmente dos outros (CHAMON, 2003, p.23).

Quando as pessoas se envolvem no âmbito de uma crença no tocante de sua identidade, há a identificação com os preceitos e, quanto mais atua, mais se torna a sua representação.

A forma como é visto no mundo, sentido ou o indagado acaba por mostrar ao homem a imagem que é transmitida aos demais. Assim, a forma de colocar na sociedade mostra a qual grupo este pertence de acordo com sua identidade cultural (CHINOY, 1993). As atuações cercam todo o comportamento humano e caracteriza num processo constante de aprendizagem.

A cultura é repassada entre as gerações, constantemente é recriada pelas comunidades em função do ambiente e das condições históricas que envolve a sua sobrevivência. A imagem de um grupo é a sua representação social. Registrar e compreender o contexto imaginário, o significado e sua representatividade é atuar diretamente na identidade da sociedade. A cultura está constantemente com novas adaptações. Esta é gerada no passado e vivenciada no presente. (RIBEIRO, 2013).

A manutenção cultural e comportamental da igreja católica traz a formação de grupos e de mecanismos de aprendizagem como as pastorais que atuam direcionadas em cada frente social.

Pastoral Universitária - um estudo de caso

A pesquisa aqui apresentada buscou analisar o trabalho desenvolvido pela Pastoral Universitária de uma determinada Instituição de Ensino Superior, na cidade São José dos Campos.

Para tanto, optou-se pela utilização da pesquisa de observação e pela coleta de dados através da realização de entrevistas não estruturadas. Inicialmente a observação foi feita a partir da participação nos encontros do grupo, realizados na unidade de ensino, e no convívio cotidiano das pesquisadoras no ambiente acadêmico. Esse tipo de pesquisa, identificada por Gil como pesquisa-ação, não obedece uma observação tradicional, com rigor metodológico, pois conta com o papel ativo do pesquisador nas etapas de coleta, análise e interpretação dos dados. Neste sentido:

Tanto a pesquisa-ação quanto a pesquisa participante se caracterizam pelo envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados no processo de pesquisa. Neste sentido distanciam-se dos princípios da pesquisa científica acadêmica. A objetividade da pesquisa empírica clássica não é observada. (GIL, 1999, pág. 31)

Quanto à entrevista, foi agendada uma data com a coordenadora do grupo, e foi realizada pelas autoras, conjuntamente. Esta etapa da coleta de dados foi feita de forma presencial, com gravação integral do áudio, e posterior transcrição do mesmo para análise e compilação dos dados.

A Instituição está atuando na cidade há 17 anos com cursos nas áreas de Saúde, Humanas, Exatas, Ciências da Terra e Ciências Sociais Aplicadas, nos períodos diurno, noturno e integral. Não é uma instituição confessional, portanto não apresenta como missão a evangelização ou a formação religiosa dos estudantes, mas, destaca a preocupação com o desenvolvimento de pessoas que respeitem as diversidades, a inclusão, os valores humanos e a ética, como pode ser verificado no trecho a seguir, retirado do site institucional:

constituir-se num centro de geração e difusão do saber, articulando as atividades de ensino, de pesquisa e de extensão, em consonância com as demandas da sociedade contemporânea e do mundo do trabalho, respeitando a diversidade e cultivando a solidariedade, a inclusão, os valores humanos e a ética, visando à formação de cidadãos qualificados e potencialmente aptos a contribuir para o

desenvolvimento sócio-econômico da sua região de influência”
(disponível no site <http://www.unip.br/universidade/missao.aspx>).

Apesar do foco central da Pastoral Universitária consistir em estabelecer um espaço para orações, os encontros acabam promovendo reflexões e debates sobre valores humanos e éticos, sobre o respeito e amor ao próximo, portanto, sobre conviver com diversidades. Ao falar e ouvir sobre questões religiosas, especificadamente a religião católica, o estudante tem mais um espaço na instituição, além da sala de aula, em que pode verificar suas concepções sobre preconceito voltado aquele que considera diferente, bem como, oportunizar a inclusão em seu círculo concêntrico de todos os homens. Tarefa, sem dúvida árdua e que exige exercício diário de análise e avaliação sobre o que penso e valorizo coligado com o desejo de perceber o homem na sua essência e aceita-lo como é. Nesse sentido, pode-se aludir que a presença da Pastoral Universitária acaba contribuindo com a efetivação de princípios indicados na missão institucional, citados anteriormente.

Para que a pastoral desenvolva suas atividades, semestralmente requer junto a direção da instituição autorização para realizar os encontros. Isso ocorre por meio de ofício fornecido pela paróquia que um dos estudantes representantes é membro. Após a aprovação da direção, que sempre é concedida, os estudantes responsáveis publicam cartazes pela instituição informando sobre os encontros e convidando os colegas.

Os encontros ocorrem dois dias por semana, no horário do intervalo, no subsolo da instituição, bem ao lado do auditório. Os estudantes representantes, são dos cursos de Direito e Medicina Veterinária, nunca houve uma eleição ou comissão que estabelece quem seriam esses estudantes. Os referidos acadêmicos simplesmente assumiram a tarefa de forma voluntária, após a formatura do representante anterior. É um processo natural de troca e de colaboração que o encontro aconteça. Segundo a estudante de Direito, “quando as tarefas e obrigações cotidianas estão em número exagerado pedimos ajuda a nossos amigos, que sempre ajudaram. Mas nunca deixamos de dedicar um pouquinho de nosso tempo à Deus. Ele está em primeiro lugar”. Quanto aos frequentadores dos encontros, são essencialmente estudantes e de todos os cursos. Não é possível precisar o número de participantes, pois além de ser um ato voluntário a

presença é sazonal. Segundo depoimento de uma das representantes, “já chegaram a ter em alguns encontros, até vinte alunos e, em alguns, só tínhamos nós (ela se referia aos representantes)”.

Vale destacar que as atividades da Pastoral Universitária não são destinadas exclusivamente aos estudantes. Os professores e funcionários também são convidados. A presença dos funcionários é regular, no entanto dos professores é muito rara. Segundo a representante, “infelizmente, desde do momento que passei a organizar os encontros, nunca vi um professor por aqui, na verdade acho que eles nem sabem que temos uma Pastoral Universitária atuante”.

A Pastoral Universitária está presente nessa instituição cerca de seis anos e oito alunos já passaram como representantes/organizadores dos encontros. Alguns já não estão mais na instituição pois acabaram seus cursos, outros apenas abdicaram da tarefa de organizar o momento de oração.

Os encontros iniciam com um cântico, um dos participantes toca violão e canta músicas religiosas, depois há reza do Pai Nosso e a leitura do evangelho do dia. Previamente ao encontro, é estabelecido um representante que verbalize poucas palavras sobre o assunto lido. Em seguida, abre-se espaço para pronunciamentos. Também é escolhido um representante para controlar o tempo dos discursos. Reza-se mais um Pai Nosso e uma Salve Rainha e o encontro é encerrado com mais um cântico. A duração dos encontros circunda em torno de 20 minutos, pois não podem interferir no horário de aula dos estudantes.

Mesmo sendo um tempo reduzido e controlado os estudantes participantes ouvidos nessa pesquisa, consideram importante esse momento, visto que com a vida de trabalho e estudo acabam se afastando do cotidiano da igreja. Os encontros oportunizam um ambiente acolhedor aberto a toda a comunidade universitária, fundamentada no Evangelho.

Considerações Finais

A proposta inicial construída e estimulada pelo Papa João Paulo II, e institucionalizada em meados dos anos de 1990 segue presente e atuante em diversas

instituições do país. A percepção dos alunos em separar um tempo para se dedicar aos assuntos que vão além dos livros e conceitos acadêmicos demonstra a necessidade do ser humano em se complementar como indivíduo atuante e co-responsável pela sociedade que integra.

Por meio da descoberta, da troca de informações e da reflexão a cerca de temas que perpassam a ética e os valores do ser humano, o papel que a Pastoral Universitária vem cumprindo ao longo do tempo é o de fomentar a construção de um ser humano mais ético e que respeite a vida em seu formato holístico.

A presença - ou a ausência - de determinados grupos nos encontros e atividades pode ser interpretada de diversas formas, desde uma simples falta de tempo / interesse ou até mesmo a discordância na forma de pensar ou no choque com princípios e entendimentos acadêmicos de temas e momentos. Neste caso, talvez caiba à própria Igreja Católica, seus membros ou representantes, esclarecer os objetivos e divulgar as ações que são realizadas no campus universitário.

Também é passível de observação que o grupo da pastoral é marcado por uma conduta igualitária dentro da contextualização da religião. Ter acesso da vertente da pastoral possibilita um controle implícito do grupo participante e há uma conduta norteadora seja na visão religiosa como também da própria instituição.

A propagação da crença vem acompanhada de um processo cultural que passou a ser um conduto moral, ético e apoio da própria religião. Os valores são transmitidos dentro do convívio acadêmico e há a intersecção cultural no viés entre os eixos escola e igreja católica.

Cabe aqui salientar que as duas instituições são providas de normas de condutas, sejam elas implícitas e explícitas, assim como processos de modificações comportamentais. As pessoas permeiam entre as duas categorias numa construção cultural que caracterizam o mesmo processo de transformação social.

Forma-se um campo de atuação de certo controle comportamental, esse grupo de alunos acaba por se tornar um mecanismo pronto de ativação de ideias e ideologias condizentes. Esse participar do mesmo dogma e movimento traz a condição de certa representatividade institucional.

BIBLIOGRAFIA

BURKE, P. **A cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia de Bolso, 2010.

Cardoso, Douglas Nassif. "Uma análise do Catolicismo Brasileiro no Segundo Império." *Caminhando (online)* 13.1 (2009): 111-120.

CAMPOS, R.H.F. (Org). **Psicologia Social Comunitária da solidariedade à autonomia**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHAMON, E. M. Q. O. **Formação e (Re) construção Identitária: Estudos e Memórias de Professores de Ensino Básico Inscritos em Programa de Formação Continuada**. 117f. Tese - Faculdade de Educação, UNICAMP, 2003;

CHINOY, Ely. **Sociedade-Uma introdução à sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1993.

DAVIDOFF, L. (1983). A percepção. Em Davidoff, L. **Introdução à Psicologia**. (pp. 210-216). São Paulo: MacGraw Hill.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

KAUSTY, K. **A origem do cristianismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MARTINS, Karla Denise; DE SOUZA OLIVEIRA, Gustavo. O ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL: CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE CRISTIANIZAÇÃO. *Revista de C. Humanas*, v. 9, n. 1, p. 137-148, 2009.

PIÉRON, Henri; DE BARROS CULLINAN, Dora. **Dicionário de psicologia**. 1996.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SANTOS, José Luiz do. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SAWAIA, B. B.; CAMPOS, R.H.F.(Org). **Psicologia Social Comunitária da solidariedade à autonomia**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

SOUZA, L. de M. **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.